

JULHO

Nº 2

# ver-te

revista de literatura

2021



# editorial

Se eu pudesse me colocar em algum lugar na estrada do conhecimento da literatura, eu me colocaria a dois passos de distância do início. E não acredito que essa seja uma estrada curta a se explorar. Essa revista servirá para que, olhando para trás, eu consiga ver os passos dados, não só os meus, mas de todas as pessoas que compartilham essa vontade de escrever e de ser lido. E que ela possa servir como um mapa para sempre saber o caminho a ser trilhado.

Fico feliz que a comunidade de leitores e escritores esteja crescendo, já somos mais de cem no instagram da ver-te. E esse é só o começo.

Para esse editorial vou deixar esse texto curto, mas antes quero pedir uma coisa ao leitor. Divulgue a revista aos seus próximos que gostam de ler, traga eles para conhecer escritores novos, se você mostrar a ver-te para dois amigos tenho certeza de que vão gostar do que encontrar.

Sem mais delongas, boa leitura.

## expediente

Editor e Diagramador: Kennedy Menezes

Escritores nesta edição:

Jader Monteiro,  
Kennedy Menezes,  
Letícia Sobrinho,  
Pedro Meyer Dombardy, e  
Thaina

Contato:

Email: [verterevista@gmail.com](mailto:verterevista@gmail.com)  
Instagram: [@verte.revista](https://www.instagram.com/verte.revista)

contos **5**

Folhinha de Papel 6  
No coração da floresta 8  
Carta aberta o meu destino 9

crônicas **11**

“VÔMITOS DE REALIDADE NO CHÃO DA FICÇÃO,  
OU A BREVE NEGAÇÃO DO AMOR” 12

poemas **13**

Sinfonia 14  
Sobre a “luz” dos homens 15  
A Máscara da Rainha Camersin 16

**con**

**contos**

**tos**

# Folhinha de papel

Kennedy Menezes - @kennedyrmenezes

Mãe, já faz quatro anos que continuo escrevendo, todo domingo, nossas palavras num pedacinho de papel. Como não consigo mais te entregar, elas vão se acumulando num vasinho que deixo aqui na sala, e toda vez que a cruzo lembro da senhora.

Algumas vezes volto no tempo e você ainda está aqui; e esses momentos me levam mais para longe ainda, porque as palavras que escrevíamos nessas folhinhas de papel fazia a gente lembrar do passado, de quando eu era pequena e de quando você tinha mais ou menos a minha idade. Eu ainda sou mais nova do que a senhora quando engravidou de mim e isso só me lembra mais uma vez o quanto você se foi jovem. Papai te acompanhou dois anos depois, ele resistiu bastante; a senhora teria ido no mês seguinte.

Estamos em ano de copa. O Brasil finalmente ganhou depois de tanto tempo de

desespero. Mas não tem o papai mais aqui pra gritar gol e sair que nem um maluco na rua pra comemorar com os vizinhos que ele xingaria meses depois por causa da eleição. Também não tem mais aquela alegria na rua de pintar o chão com a bandeira do Brasil; nem pendurar fitinha verde e amarela fazendo aquele mar suspenso de verdadeira brasilidade. E também não tem a senhora, que sempre preparava tudo, ajudava a amarrar as fitinhas em mais de quilômetro de linha, comprava refrigerante para gente, e sempre era a última a levantar do sofá quando o gol acontecia.

Mas agora vou saber tudo o que a senhora sentia. Estou grávida da Laura, sua neta e sua homônima. Quero ensiná-la a ler assim como você me ensinou e espero que ela escreva as palavrinhas em folhas de papel para mim também, assim como a gente. Vou deixar o vasinho bem à vista pra eu responder na primeira oportunidade, quando ela perguntar o que aquele monte de papezinhos significam.

Será que ela vai me contar sobre o primeiro beijo do mesmo jeito que eu? Eu não sa-

bia como te contar sem ser escrevendo beijo numa folha de papel, acho que eu tinha escrito primeiro beijo e você abriu aqueles olhões e sorriu; eu sabia que não levaria bronca. Papai me deu seu diário onde você colava as folhinhas e escrevia nossas conversas, por sorte você também escrevia as suas bem ao lado das minhas, assim quando eu pegá-las vou poder saber o dia exato. Você sempre foi muito organizada e não me espantei nenhum pouquinho de ver até as minhas letrinhas de crianças nas folhas do seu diário.

“3 de Setembro de \*\*\*\*, Sara me escreve ‘mamãe’ numa folhinha de papel; eu viro a folha e escrevo ‘pudim’. Ela lê e sai correndo para abrir a porta da geladeira”

No último domingo, mãe, a palavra que te escrevi foi saudade. Eu tenho certeza que essa palavra apareceu muito nos últimos anos, junto com elas, as lágrimas, elas voltaram agora desde que escrevo essa carta. Eu não conseguia mais espremer sua falta em uma palavrinha, mãe. Me perdoa, mas de agora em diante eu vou te escrever folhas inteiras. Não vou conseguir te enviar, mas sei que elas chegarão de algum jeito, carregando tudo que estou sentindo. As respostas eu espero pra quando a gente se encontrar.

Uma vida é muito pouco pra caber a senhora.

Eu te amo minha mãe, esteja em paz.

# No coração da floresta

Letícia Sobrinho – @diarizandoleituras

Ela passava por aquele caminho todo dia bem cedo, era a única rota para chegar à escola. Há uns meses ela abominou a ideia de se mudar para aquele fim de mundo, mas o preço da casa estava ótimo, sua irmã não podia recusar. Hoje, tem certeza de que foi a melhor coisa que aconteceu. Ir e voltar caminhando não era um sacrifício. Naquele lugar, isso era um presente.

O sol, que ainda estava nascendo, projetava as sombras das árvores no chão de terra, essas um tanto quanto interessantes. A imaginação da garota brincava com as formas e criava histórias para elas. Ela podia jurar que havia visto um duende conversando com uma fada. Podia jurar que ouvia sussurros vindos da floresta. Podia jurar que já tinham dito seu nome.

“Deve ser só sua imaginação fértil”, disse sua irmã mais velha uma noite, enquanto ela, sentada perto da lareira, contava o que achava ter visto. “Deve ser”, a menina concordou. O que ela sabia ficaria guardado com ela.

No dia seguinte acordou bem cedo, tomou seu café e seguiu pelo mesmo caminho. Como sempre, deixou numa cesta, escondida numa árvore na entrada da flores-

ta, uma flor. Na volta para casa checkou o local e, como sempre, a flor havia sumido. Ninguém além dela sabia daquele lugar, daquela cesta, naquela árvore. E ela jurava, ah, ela jurava que ouvia sussurros vindos da floresta. Eles diziam: obrigado, Annie!



# Carta aberta o meu destino

Thaina - @momentosquevivi\_

Eu confiei em você. Eu confiei que era ele. Eu me abri, me propus a acreditar mais em você... e nele.

Eu ficava radiante ao olhar a tela do celular, já sabendo que poderia ser um “Bom dia, preta” misturado com um emoticon qualquer. Ou talvez o primeiro do teclado dele.

Eu olhei fotos e sorria em seguida.

“Será que um dia eu e ele teremos uma foto assim?”

Eu acreditei em você...Mais do que nele.

Dessa vez foi diferente. Não era aplicativo, não me foi apresentado, nem corrente de face book, era coincidência de festa ou brincadeira

do universo. Ou melhor, brincadeira sua.

Era para eu ter saído ilesa daquele lugar! Mas nada que um “Oi preta” misturado a um sorrisinho nada inocente foi capaz de me render.

Que raiva!

Você, Senhor Destino, não podia ter feito isso comigo. Não sem ao menos dar uma olhadinha mais pra frente e se certificar que daria um pouco mais certo. Custava ser do meu jeito?

“Cê” sabe que eu nem “tô” tão brava assim?! Eu gosto quando você vem me fazer umas visitinhas. Assim, do nada. “cê” me lembra que eu ainda tô viva, que meu coração ainda bate e de quebra ainda pode ser uma moradia.

Mas ando precisando de um tempo, para me recuperar. O senhor as vezes me prega umas peças... Mesmo assim, me visite mais vezes!

À nós, meu caro destino, toda sabedoria e paciência.

Com amor e carinho,

Deusa retinta

Coração aberto na quarentena em  
2020

**crô**

**crônicas**

**nicas**

# “VÔMITOS DE REALIDADE NO CHÃO DA FICÇÃO, OU A BREVE NEGAÇÃO DO AMOR.”

Jader Monteiro - @jadermoonteiro

No final nada é como nos filmes, nada é como nos livros, nada é como se imagina, e a realidade é bem mais valiosa se posta lado a lado com a ficção: aqui podemos ver realmente o brilho no olhar, podemos ver o fraquejar das pernas, o tremular das mãos, o suor frio da insegurança, porém tudo converge na realidade, linda e fresca, sem máscaras, ora segundas intenções...

até mesmo a falsidade de imprimir algo, friccionar algo, ensaiar e apresentar uma peça para 2, quase como um espetáculo, mas sem cortinas ou caixa preta, e sim a vida como palco sem fim: a ficção é assim adereço por cima de adereço, enfeite tudo, decore cada canto da existência, e no final tudo será vazio, não se terá peso algum, será nulo, morto, porém vivo, repleto de ambiguidades e sem por menos ser essa coisa chamada ficção. Talvez um dia essas verdades, ou inverdades, se misturem em uma realidade só, ou talvez morreremos sem entender por qual caminho andar, se tudo isso valeu (?). Por fim, sem nenhum remorso, digo que tanto faz, real ou irreal, por mais doloroso que seja um ou outro: eu espero sentir, sem controles ou doses, sentir, porque assim a vida começa a ter

algum fundamento.

Talvez um dia possamos escrever poesias sobre o doce da padaria, sobre o sapato vermelho da senhora da esquina, e isso bastará. quem sabe um dia superaremos o sentimentalismo, os melindres, e o doce das rimas de amor profundo... talvez um dia deixe de escrever histórias de amor.

**poe**

**poemas**

**mas**

# Sinfonia

Kennedy Menezes - @kennedyrmenezes

Ah!  
que oportunidade  
de estar vivo.

# Sobre a “luz” dos homens

Letícia Sobrinho - @diarizandoleituras

Hoje eu olho pra trás  
Praquela menina que viu encanto em ti  
E me pergunto: o que ela era  
Além de uma alma fugaz?

Onde já se viu?  
Ver cão amigo no monstro  
Onde já se viu?  
Olha eu me culpando de novo!  
Por ter os olhos da sociedade  
Na frente da minha íris

O problema não era eu  
Que de tão proibida de ver encanto em  
mim  
Projetei esse encanto em ti  
O problema é você - são todos eles  
Que de tanta escuridão em si  
Precisou mentir sobre a minha luz

Pra haver um pouco de “luz” em ti

# A Máscara da Rainha Camerim

Pedro Meyer Dombrady - @pedromdy

Inebriante fragrância  
Finéssima elegância  
Trajada de vermelha luxúria  
A Máscara da Rainha Carmesim

Despiu-se  
De seu manto crepuscular  
A reluzir sob a luz do luar  
Descorrou-se  
De sua láurea acúlea  
Depravada tirania, sibila a Rainha Carmesim

Três o oráculo preveu  
Três invioladas o seu ouro escolheu  
Três eram as belas vindas das orlas do  
Egeu  
Três banhos sangrentos juventude prometeu

Clamou ao Diabo a bailar  
Dentes serpentários trepidando ao afiar  
Quem irá a Rainha Carmesim beijar?  
Quando o pêndulo a garganta lhe rasgar?



